

De que lado da cruz tú estás?

Texto:

Ora, daqui para frente, não pensamos mais como antes, humanamente como na tradição passada. Se foi assim que conhecemos Cristo antes, certamente não é mais assim. Porque se alguém está em Cristo, ele já faz parte duma nova maneira de ser. O regime antigo passou. De fato estamos debaixo dum novo regime. – 2 Coríntios 5.16-17 (tradução minha)

Cristo não me chamou para fazer manutenção na igreja, mas para pregar o evangelho; não para agradar vocês com palavras bonitas e sofisticadas. Não foi para nos entreter que Cristo morreu por nós. Pode ter certeza que enquanto a crucificação é bobagem para os perdidos, para nós é um ato poderoso de Deus....Mas nós fazemos nossa parte da missão de Deus por anunciar a chegada do novo regime que Cristo inaugurou na cruz que, embora esquisito para aqueles que vivem perdidos debaixo do velho regime de religião, para nós é o incrível cumprimento do plano de Deus. – 1 Coríntios 1.17-18, 24 (tradução minha)

Introdução

Estamos em crise hoje à noite. Estamos diante duma encruzilhada onde teremos que escolher qual caminho vamos tomar. Por um lado, as coisas vão melhor que nunca. Boa parte da igreja está organizada em células. Muita gente está se interessando na educação dos nossos filhos respondendo, sacrificialmente ao apelo da liderança. Tivemos mais uma noite de artes empolgante. A Escola Dominical vai bem. Estamos avançando na nossa conscientização missionária e os campos missionários estão dando fruto. Como então, posso imaginar que estamos diante duma encruzilhada?

Digo que estamos numa encruzilhada hoje à noite justamente porque esta igreja embarcou num projeto de revitalização que só poderá avançar se assumirmos a transformação interior que Deus está querendo realizar entre nós. Somente podemos ser uma igreja do Novo Testamento, uma igreja guiada e cheia do Espírito Santo, uma igreja que vive pela graça de Deus, uma igreja que vive como imitadores de Cristo, se

reconhecemos a transformação que Deus realizou através da cruz, renunciarmos a vida pela lei, e nos livrarmos do apego à tradição.

Hoje eu queria chamar cada um de vocês a uma escolha. De que lado da cruz tú estás? A princípio podes achar que é uma escolha fácil. Provavelmente neste instante estejas falando consigo mesmo: “estou do lado certo, quer seja de frente ou de trás, do lado direito ou do lado esquerdo”. E muitos podem estar mesmo do lado certo. Mas sei que nem todos estão, inclusive da nossa liderança. Por isso a situação é grave, porque não poderemos avançar neste belo projeto de Deus para nossa igreja se não entendermos a natureza da coisa nova que Ele está fazendo entre nós, um projeto que começou na cruz, mas que muitos cristãos ainda não entendem, como muitos dos ouvintes de Paulo também não entenderam e atrasaram o avanço do reino de Deus.

Chegamos num bom lugar na vida da igreja. Entretanto, não avançaremos se a gente não estiver certo de que lado da cruz estamos. Se estivermos do lado errado, seremos como um time de futebol que descobriu uma nova maneira de correr ou de passar a bola, sabe até onde está o gol, mas não entendeu ainda algumas das regras fundamentais do jogo. Como o time australiano, quer derrubar o adversário como no futebol americano, ao invés de driblar e chutar bem a bola para passar o adversário. De repente temos algum ou alguns estrelas que se engordaram um pouquinho demais do sucesso passado e não conseguem mais chegar na bola para fazer o belo chute que sabe tão bem fazer. Pode está na hora de entrar no jogo um Fred ou um Robinho do nosso meio.

Por isso vamos voltar para alguns fundamentos da fé cristã. Devem ser patentes a todos, mas infelizmente não o são ([1 Coríntios 3.1-3](#)). Não apresento idéias novas e sim, repito que tenho falado em diversas pregações e nos últimos boletins. Por que? Simplesmente porque algumas pessoas não conseguiram assimilar o que foi anunciado. Pior, temo que houve não apenas dificuldade de assimilar, mas oposição, e não oposição inocente, mas oposição obstinada. Já me foi falado com toda clareza em relação ao nosso ensino bíblico, “pode falar o que quiser, não vou mudar minha maneira de pensar.” Minha resposta é simples, “não conheço outro evangelho, a não ser o evangelho de Cristo. Não prego outro evangelho, a não ser o evangelho de

Cristo.” O regime de Moisés passou. Em Cristo todas as coisas são novas. E a igreja que nós vamos liderar será a igreja que segue o evangelho de Cristo.

A lei foi dada por meio de Moisés, mas o amor e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. —
João 1.17 NTLH

Talvez estranhas o tom desta mensagem. Não devemos pregar coisas que edificam e que contribuem positivamente ao crescimento espiritual sem ter que correr o risco de ofender as pessoas? Quem dera que fosse sempre assim. Mas nem sempre é. O apóstolo Paulo fala numa carta penosa que lhe causou muita tristeza e que teve que direcionar para a Igreja do Estreito de Pelopones, mais conhecido como a Igreja de Corinto. Também era uma igreja pelo qual Paulo teve muito amor e onde erguiu mais alto o maior princípio cristão do amor. Mesmo assim, Paulo precisava escrever pelo menos quatro cartas para esta igreja amada (nós só temos duas, ou talvez três delas). Por que? Grandemente porque a liderança da igreja desafiava a autoridade que Paulo teve de anunciar o evangelho e pastorear aquele rebanho (1.12; 3.1-4.5; cap. 9) e isso porque tiveram dificuldade de entender as implicações do evangelho no que se refere aos usos e costumes na igreja local. Em geral, 1 e 2 Coríntios chamam os coríntios à unidade e à concórdia, características daqueles que pertencem a Cristo. Central à orientação de Paulo é o lugar do amor em toda a conduta cristã (1 Coríntios 8.1-3; capítulo 13). Mas antes teve que defender a base da sua fé na cruz de Cristo. Paulo desejava ardentemente estabelecer desta gente complicada uma igreja visionária. Para isso ele estabeleceu a base, o alvo, e três princípios para a vida e a conduta cristãs.

Se nós vamos avançar, teremos que assumir a *mesma base*, o *mesmo alvo* e os *mesmos três princípios*. Todos são inegociáveis. Nisto não se vota, nem se discute. Vacilar em relação a qualquer um deles é incompatível com o evangelho de Jesus Cristo. Começemos com a base.

A Base da vida cristã: a cruz de Cristo

A base de toda a vida cristã é a cruz de Cristo. No segundo semestre de 2005 preguei uma série de mensagens baseadas no Sermão no Monte. Um dos pontos principais do Sermão no Monte é que Jesus mudou a lei, não por aboli-la, e sim, por intensificá-la e interiorizá-la. Não basta deixar de cometer homicídio, adultério, mentira e assim em diante. Em Cristo devemos amar o nosso inimigo, deixar de olhar com maus intenções, dizer apenas sim e não, etc. A mudança na lei, prevista em Jeremias, já começara com o anúncio de Jesus. Mas a transformação se completou apenas na cruz.

Mas eu me orgulharei somente da cruz do nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, por meio da cruz, o mundo está morto para mim, e eu estou morto para o mundo. – Gálatas 6.14 NTLH

Por meio da cruz a maldição da lei se tornou obsoleta, de acordo com **Gálatas 3.13**. Em outras palavras, “Cristo é o fim da lei para todo aquele que crê” (**Romanos 10.4**). Isto significa que vivemos hoje como pessoas livres, não para fazer qualquer coisa, mas sim para viver pela graça de Deus e não por algum regime de regras. Paulo disse:

Cristo nos libertou para que nós sejamos realmente livres. Por isso, continuem firmes como pessoas livres e não se tornem escravos novamente.... Vocês que querem que Deus os aceite porque obedecem à lei estão separados de Cristo e não têm a graça de Deus. – Gálatas 5.1,4 NTLH

Portanto, que ninguém faça para vocês leis sobre o que devem comer ou beber, ou sobre os dias santos, e a Festa da Lua Nova, e o sábado. Tudo isso é apenas uma sombra daquilo que virá; a realidade é Cristo. – Colossenses 2. 16-17 NTLH

A cruz mudou a maneira que nós nos aproximamos de Deus.

Por isso, irmãos, por causa da morte de Jesus na cruz nós temos completa liberdade de entrar no Lugar Santíssimo.— Hebreus 10.19 NTLH

Esta aproximação de Deus, diferente que antes da cruz *não* se baseia mais na expressão *exterior* de religiosidade, no compromisso *parcial*, ou na mera *tradição*. Em Cristo a lei é interiorizada, intensificada e constantemente renovada. Abaixa as expressões exteriores da fé. Abaixa o compromisso parcial. E abaixa a invocação da mera tradição. Quem sabe, até aqui tú concordas. Mas antes de tirares a tua conclusão vamos considerar as implicações da transformação que Cristo realizou na cruz na maneira que nos aproximamos de Deus. Em fevereiro do ano passado, escrevi no boletim da igreja o seguinte:

a igreja primitiva entendeu que aquilo que Deus fez em Jesus era *novidade* e ...se constituía ...uma verdadeira inovação. Por isso, os escritos a respeito destas coisas (o Novo Testamento) passaram a ser entendidos como novidade e, por sua vez, as Escrituras Hebraicas, como são conhecidas até hoje pelos judeus, passaram a ser conhecidos como “Velho” Testamento.... Na prática, isto significa que dentro duma teologia *cristã*, todas as nossas doutrinas e práticas oriundas do Antigo Testamento precisam duma apreciação à luz do Novo Testamento: grandes instituições como o templo e a lei, conceitos sobre o sagrado e o profano, celebrações como a páscoa, rituais de iniciação como a circuncisão, a ética moral como a fidelidade conjugal e o homicídio, e práticas religiosas como a observância do sábado e a entrega de dízimos.

Dei vários exemplos: um *novo* mandamento (João 13.34), uma *nova* criação (2 Coríntios 5.17) um *novo* céu (2 Pedro 3.13), uma *nova* humanidade (Efésios 2.15), um *novo* “eu” (Efésios 4.24), uma *nova* aliança (Lucas 22.20), um *novo* Jerusalém (Apocalipse 21.2) e uma *nova* canção (Apocalipse 5.9). É preciso enfatizar que Jesus radicalizou o conceito anterior de fé e de vida. Por exemplo, *a partir da crucificação*, nada, insisto, nada se fala, primeiro, da observância do sábado, segundo, da obrigação da entrega dum dízimo, e terceiro, da sacralização do templo ou dum sacerdócio do mesmo. Vamos considerar cada um destes três.

Quanto ao sábado, Jesus falou, “o sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado”. (Marcos 2.27 NTLH). Infelizmente a Confissão de Westminster, capítulo 21, parágrafos 7 e 8, contradiz estas palavras de Jesus ao querer transformar o dia de domingo em novo sábado. Mas se você prestar bem atenção, nenhuma das passagens bíblicas que a Confissão de Westminster cita, exorta os fieis a guardar nem o sábado e nem o domingo. Porque? Simplesmente, porque,

como diz o autor de Hebreus no capítulo 4, em Cristo (todos os dias) entramos no descanso (sábado) de Deus. Por isso Paulo adverte com palavras duras:

Mas, agora que vocês conhecem a Deus, ou melhor, agora que Deus os conhece, como é que vocês querem voltar para aqueles poderes espirituais fracos e sem valor? Por que querem se tornar escravos deles outra vez? Por que dão tanta importância a certos dias, meses, estações e anos? Estou muito preocupado com vocês! Será que todo o trabalho que tive com vocês não valeu nada? — Gálatas 4.9-11 NTLH

Em Cristo todos os dias são igualmente sagrados diante de Deus. Antes da cruz, a expressão da religiosidade era exterior e parcial. Depois da cruz, é interior e intensificada. De que lado da cruz tú estás?

Segundo, **quanto ao dízimo**, simplesmente desapareceu das exortações para os fieis depois da crucificação de Jesus. Tanto os Evangelhos, quanto o Livro de Atos e as Epístolas deixam claro que tudo que possuímos deve ser dedicado ao Senhor. O dízimo é muito pouco para o cristão. AINDA temos grande dificuldade de ver que Jesus radicalizou o conceito anterior da nossa participação material no seu projeto do reino de Deus. Entendemos que Deus deseja todo o nosso amor, toda a nossa disposição, todo o nosso coração e todo o nosso intelecto (**Mateus 22.37**). Mas estranhamente ainda achamos que Deus se contenta com apenas 10% do nosso dinheiro! Isto é HERESIA! É claro que Jesus não se posicionou contra o dízimo em si, da mesma forma que não se opôs à proibição de homicídio. Mas como no caso de homicídio, também no caso do dízimo, Jesus exige muito mais, não menos. O que ele recomenda mesmo é a oferta total e sacrificial (veja a viúva pobre em **Marcos 2.42-44**), a entrega de tudo (veja o jovem rico em **Marcos 10.17-25**), e o gerenciamento cuidadoso de tudo que Deus coloca em nossas mãos em prol do Seu reino (veja a parábola dos talentos em **Mateus 25.13-30**). Qualquer medida menor provoca a Sua Santa ira e assim nos coloca em iminente perigo (veja o incidente de Ananias e Safira em **Atos 5.1-11**). Historicamente a prática do dízimo voltou apenas séculos depois de Cristo quando as igrejas começaram a esfriar. A exortação do dízimo só faz sentido para crentes frios, não para crentes quentes. É bom lembrar que a restabelecimento do dízimo nos

séculos V e VI levou eventualmente ao absurdo das indulgências exigidas da Igreja Católica que provocou a Reforma Protestante! Radical? Sim! Em Jesus as coisas simplesmente não podem permanecer como eram. Antes da cruz, o compromisso era parcial. Depois da cruz, é total. De que lado da cruz tú estás?

Terceiro, quanto à **sacralização** do templo ou dos seus sacerdotes, o autor da Epístola para os Hebreus afirma que o sacrifício de Jesus na cruz é maior que os sacrifícios judaicos (**cap. 9**). Não oferecemos mais sacrifícios a Deus e não fazemos “negócios” com Deus. Aproximamo-nos a Deus unicamente através de Cristo, e nenhum outro intermediário. Ele é o sacrifício pleno e suficiente. A cruz também aboliu a distinção entre o sagrado e o profano e o conceito dum *local* onde habita o “sagrado”. Não são mais as coisas e os lugares que são sagrados. Agora o que vale é a postura do coração das pessoas (**Mateus 15.11,17-18; Lucas 11.38-40**). Neste caso, a Confissão de Westminster concorda:

Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a um certo lugar, nem se torna mais aceito por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija, mas, Deus deve ser adorado em todo o lugar, em espírito e verdade - tanto em famílias diariamente e em secreto, estando cada um sozinho, como também mais solenemente em assembléias públicas, que não devem ser descuidosas, nem voluntariamente desprezadas nem abandonadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporciona ocasião. (capítulo 21, parágrafo 6)

Não há mais *templo* como lugar físico no conceito cristão. Aquele conceito acabou. Na cruz o véu de separação entre o sagradíssimo Santo dos santos e o mundo profano rasgou. Foi destruído, enterrado, defunto, para não ser nunca mais ressuscitado (**Mateus 12.6; 24.1-2**).

Aí Jesus deu outro grito forte e morreu. Então a cortina do Templo se rasgou em dois pedaços, de cima até embaixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram. – **Mateus 27.50-51 NTLH**

Não, hoje os crentes em Jesus coletivamente formam o templo de Deus (**1Coríntios 3.16**). Aliás, é lamentável e nocivamente prejudicial que mantenhamos a

nomenclatura de “templo” para se referir ao que é propriamente o “salão de culto”. Não somos judeus. Somos cristãos e cabe-nos radicalizar de acordo com a transformação que Jesus realizou. Jesus *interiorizou* o conceito de religião, transformando-a em relacionamento e também a *totalizou* transformando-a em compromisso pleno. Antes da cruz somente alguns lugares e algumas coisas e algumas pessoas eram “sagradas”. Depois da cruz, nós que estamos em Cristo que somos sagrados.

Assim, se alguém destruir o templo de Deus, Deus destruirá essa pessoa. Pois o templo de Deus é santo, e vocês são o seu templo. – 1 Coríntios 3.17 NTLH

De que lado da cruz tú estás? Mantens o conceito de lugares, coisas e algumas pessoas como sagrados? Estás do lado errado da cruz. Entendes que todos nós somos igualmente santificados em Cristo Jesus e estabelecemos como pessoas o templo de Deus? Estás do lado certo. A base da vida cristã é a cruz de Cristo.

Estamos acostumados a ouvir que a cruz é símbolo de humildade, de sacrifício, e duma atitude de servo. Tudo isto é verdade. Mas é cruz também surtiu literalmente uma transformação na história e no mundo. Também mudou a própria fé. A cruz é *encruzilhada*, é *escolha*. É escolha entre graça e lei, entre Moisés e Jesus, entre uma maneira antiga de viver diante de Deus e do seu proximo e uma maneira nova, mais intensa e mais plena de viver, pela graça de Deus. Faça a escolha certa.

O Alvo da vida cristã: a glória de Deus

Se a base para a vida com Deus mudou radicalmente com Cristo, o mesmo não aconteceu com o alvo da vida cristã. O alvo da vida cristã *continua* sendo a glória de Deus. Não mudou. Recentemente preguei sobre este assunto e não vou repetir tudo de novo, apenas ressaltar os quatro principais pontos. Primeiro, glorificar Deus é o principal propósito de todo ser humano. Segundo, glorificamos Deus não porque Ele tem um complexo de inferioridade e precisamos encorajá-Lo, e nem tampouco porque Deus é orgulhoso e gosta de ficar de cabeça cheia. Não, glorificamos Deus porque Ele realmente é glorioso. Ele é magnífico na criação, na redenção e em toda

demonstração de amor e justiça. Terceiro, ao glorificar Deus, nós mesmos somos transformados pela glória que já Lhe pertence. E quarto, se o propósito de todo ser humano é glorificar Deus, a principal atividade da igreja é fazer sua glória conhecida entre todas as nações. Missões não são mais um programa da igreja. Missões são a vida da igreja, sua batida cardíaca, sua própria razão de ser.

Por isso, quando surge alguma controvérsia sobre a conveniência ou a propriedade de qualquer conduta na igreja, a primeira pergunta que fazemos é: tal conduta glorifica Deus? Parece óbvio, não? Não foi isso que Paulo claramente falou em 1 Coríntios 10.31: “Portanto, quando vocês comem, ou bebem, ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.”

Recentemente fiz a observação na reunião do conselho que a glória de Deus serve como critério para avaliar a conveniência ou não de certas representações na Noite das Artes. Para meu horror, a sugestão não foi acolhida. Ao invés disto, sugeri o critério da *suposta* postura dos líderes já mortos da igreja que convenientemente não é verificável, além de ser, francamente um critério dos mais pagãos. Talvez a glória de Deus pareça um conceito um tanto vago, não definido suficiente para realizar as censuras que alguns queriam fazer. E quem sabe, a glória de Deus, abre o leque de permissão demais, afinal, Paulo também afirmou em Romanos 11.36: “Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo existe por meio dele e para ele. Glória a Deus para sempre! Amém!”

Espero que vocês entendam a seriedade deste momento na vida da nossa igreja. Temo que percamos o nosso norte no afã de não ofender os nossos ancestrais. O apelo para a tradição para defender ou proibir certos costumes é muito perigoso. Primeiro, porque os nossos antepassados são mortos e não podemos saber como iriam reagir diante dos novos desafios que nós enfrentamos hoje. Segundo, porque o apelo para a tradição é coisa de católico, não de crente. Não é conversa nossa. Conversa nossa é *sola Scriptura*, “igreja reformada *sempre* se reformando”. A nossa tradição é de sempre reavaliar a nossa tradição. Esta é a nossa tradição. E não vem choromingando que me falta respeito pelos seus pais. Se seus pais foram crentes fieis e sabiam os rudimentos da fé reformada, seriam os *primeiros* a defender o critério da glória de Deus. E seriam os *primeiros* a entender que o evangelho precisa ser

comunicado em cada geração do modo que a nova geração consiga entender. A comunicação do evangelho é o nosso propósito, não a preservação dos nossos costumes. Mesmo com apenas dezoito meses de convivência entre os coríntios Paulo ousadamente exortava e corrigia os coríntios a respeito dos seus costumes. Não recuou. Digo com plena consciência, doo quem doer: não pregamos o evangelho de Moisés, e sim, o evangelho de Cristo.

A glória de Deus exige uma postura evangelística e missionária ousada ([Habacuque 2.14](#)) e não uma postura de auto-preservação. É o alvo principal da vida cristã e serve de bom critério para avaliar a conduta cristã.

Final e brevemente ofereço três princípios para a vida cristã.

Três *Princípios* da vida cristã: o amor, a unidade e a missão

Os três princípios que regem a vida cristã são o amor, a unidade e a missão. Todos aparecem no calor da controvérsia sobre usos e costumes que Paulo trata em [1 Coríntios, capítulos 8 a 14](#). Vamos ver um por um, começando com o amor.

1. O amor abre mão da sua própria posição ([1 Coríntios 8.1-3; capítulo 13; cf. Gálatas 3.13-15](#))

Agora vou tratar do problema dos alimentos oferecidos aos ídolos. Na verdade, como se diz, "todos nós temos conhecimento." Porém esse tipo de conhecimento enche a pessoa de orgulho; mas o amor nos faz progredir na fé. A pessoa que pensa que sabe alguma coisa ainda não tem a sabedoria que precisa. Mas quem ama a Deus é conhecido por ele. – [1 Coríntios 8.1-3 NTLH](#)

Nos capítulos 8 a 10, Paulo responde a uma dúvida na igreja dos coríntios que estava criando mal-entendimento. A questão específica era se o cristão deve ou não comer comida que já fora dedicado aos ídolos. Por trás desta questão pouco comum para os cristãos de hoje estava uma questão maior, importante para todos nós: a *questão da liberdade cristão* (cf. [Romanos 14](#)). O *princípio de amor* (*agape*) que Paulo recomenda no capítulo 8 exige que o cristão que *se julga mais forte* e assim vê as proibições com mais jogo de cintura, abra mão da sua posição, mesmo que seja mais “certa” em prol da fragilidade da fé do seu irmão.

Infelizmente cristãos “fortes” hoje frequentemente apelam para o princípio do “escândulo” para proibir certas expressões da fé (como na música e nas trajes) daqueles que eles julgam como mais fracos...uma inversão do princípio que Paulo recomenda. No capítulo 9, Paulo se refere a si mesmo como exemplo de quem possui direitos, entretanto não insiste no seu uso. Ao contrário, abre mão dos seus direitos a fim de promover o evangelho entre os mais fracos. No capítulo 10 ele continua com exemplos da história de Israel mas termina concluindo de modo mais enfática e contrário ao consumo de comida sacrificada aos ídolos. É verdade que Paulo exorta os líderes cristãos a abrirem mão das suas idéias liberais em prol do bom testemunho. Isto para muitas pessoas hoje, parece confirmar a conveniência, por parte da liderança da igreja, de ser mais conservador e restritivo no que se trata dos usos e costumes. Entretanto, é igualmente importante reparar que Paulo está se dirigindo à liderança da igreja, isto é, àqueles que se consideram mais fortes. São os *mais fortes* que precisam abrir mão dos seus direitos em prol do mais fraco. Repare bem o que *não está sendo questionado*. Paulo *não* está questionando a posição em si dos mais fortes. Ao longe dos capítulos 8 a 10, é possível dá *razão* à lógica das duas posições e Paulo faz exatamente isto. Portanto, não é a questão qual é a perspectiva mais correta, e sim, *quem* tem a obrigação de ceder. O *amor* cristão e não o *conhecimento* cristão é que está em jogo. Como o *princípio de amor* fornece a chave do argumento de Paulo nos capítulos 8 a 10 (1 Coríntios 8.1-3), também o capítulo 13 domina a instrução a respeito das manifestações carismáticas tratada nos capítulos 12 a 14.

2. A unidade exige humildade. Bem próxima do princípio de amor, Paulo também apela para o *princípio da unidade* (1 Coríntios 12.12-27 e 14.1-19; cf. 8.11-13; 10.17, 23-24). Este princípio, que foi o grito de guerra do Messias na sua oração sacerdotal, Paulo enfatiza em quase todas as suas cartas. Foi assunto de várias pregações nossas, inclusive recentemente um apelo para somar, e não dividir. O ponto principal do princípio da unidade é a igual importância de todos os membros do corpo de Cristo e a igual importância das suas funções. É um chamado para somar com a liderança da igreja, de jogar no mesmo time, de ouvir o seu conselho e se dispor a colaborar. Não cabe a atitude: “pode dizer o que quiser sobre a Bíblia, não vou mudar

de opinião”. Esta atitude simplesmente não compete. A unidade existe a humildade. A humildade se dispõe a aprender.

3. A **missão procura alcançar o mundo**. Finalmente, em terceiro lugar mas também grande importância, Paulo apela para o *princípio missionário* em 1 Coríntios 14.20-25. Importante que a conduta cristã visa não só a edificação, mas também possui um propósito missionário. Precisamos resgatar esta dimensão do culto. O evangelho de Cristo possibilita e convoca o povo de Deus ao evangelismo do mundo enquanto o evangelho de Moisés procura preservar, mesmo que exteriormente, um povo separado do mundo. Sua postura é de defesa nas trincheiras enquanto a postura do evangelho de Cristo é de avanço e ocupação de novas sentinelas.

Mantendo estes três princípios em foco, é possível ler o resto da instrução de Paulo com sabedoria e discernimento. Assim veremos que o “problema” na igreja de Corinto (e entre nós) não são as manifestações extraordinárias de Deus. Não são censuradas nos capítulos 12 e 14 e capítulo 13 deixa claro que fazem parte de toda a história da igreja até a volta de Cristo (1 Coríntios 13.9-10). Entretanto, coisas boas, até mesmo divinas, podem ser mal empregadas na vida e na igreja cristã. Como saber? Aplique os princípios do amor e da unidade e pergunte se o dado ocorrido contribui para alcançar o mundo.

Conclusão

Hoje é dia 18 de junho de 2006. Será ou o Dia da Reforma da Igreja Presbiteriana Independente do Estreito, ou será mais um domingo que cai eventualmente no esquecimento. Está na hora de tirar a ferrugem e chegar no ferro. É um processo abrasivo mas necessário para realizar uma nova pintura. Tú escolhas. De que lado da cruz tú estás hoje? Quando Jesus voltar em toda a sua glória, de que lado da cruz queres estar? Ele dirá a ti: “servo bom e fiel” ou “servo mau e negligente”?

Mensagem pregada na Igreja Presbiteriana Independente do Estreito no 18 de junho de 2006